

A ALIANÇA DE DEUS COM ABRAÃO REFERENTE À TERRA (GÊNESIS 15)

Quanto tempo se passou entre a vitória de Abraão sobre os reis do leste e seu encontro com o rei de Sodoma e Melquisedeque, o rei e sacerdote de Jerusalém, não sabemos. De qualquer modo, a voz que silenciou desde 13:14–17 falou novamente ao patriarca.

PROMESSAS DIVINAS E A RESPOSTA DE FÉ (15:1–6)

¹Depois destes acontecimentos, veio a palavra do SENHOR a Abrão, numa visão, e disse:

Não temas, Abrão,
Eu sou o teu escudo,
e teu galardão será sobremodo grande.

²Respondeu Abrão: SENHOR Deus, que me haverás de dar, se continuo sem filhos e o herdeiro da minha casa é o damasceno Eliézer? ³Disse mais Abrão: A mim não me concedeste descendência, e um servo nascido na minha casa será o meu herdeiro. ⁴A isto respondeu logo o SENHOR, dizendo: Não será esse o teu herdeiro; mas aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro. ⁵Então, conduziu-o até fora e disse: Olha para os céus e conta as estrelas, se é que o podes. E lhe disse: Será assim a tua posteridade. ⁶Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça.

Versículo 1. A expressão **veio a palavra do Senhor a Abrão** é a fórmula típica usada para se introduzir uma mensagem divina ou profecia a um profeta (Jeremias 1:2; Ezequiel 1:3; Oseias 1:1; Jonas 1:1). Deus às vezes usava **uma visão** ou um sonho para se comunicar com os patriarcas, e também com seus adversários (20:3, 6; 28:12; 31:10, 11, 24; 37:5–10; 46:2).

Deus referiu-se a Abraão como “profeta” em

20:7. Este termo, frequentemente mal entendido, deve ser esclarecido. A palavra hebraica comum para “profeta” é נָבִיא (*nabi'*), que significa “portavoz”¹, ou seja, aquele que fala em nome de alguém. Uma ilustração disto é o chamado de Deus para que Moisés retornasse ao Egito. Moisés apresentou desculpas – primeiramente por ser um orador inapto – para escapar dessa comissão divina. Todavia, o Senhor não se deteve por causa da hesitação de Moisés. Em duas ocasiões, Deus prometeu dar as Suas palavras a Moisés, o qual, por sua vez, as relataria a Arão, irmão de Moisés; daí, Arão agiria como sua “boca” ou “profeta” (Êxodo 4:15, 16; 7:1, 2) falando com o povo e com o Faraó.

Um profeta bíblico, então, é aquele que “conta a outros” ou prega a palavra, não sendo necessariamente aquele que “prediz” acontecimentos futuros. Obviamente, os profetas de Deus de fato, falaram muitas vezes do futuro em “oráculos de condenação” ou “oráculos de esperança”. Todavia, a principal função deles era pregar ou ensinar a palavra de Deus, dando testemunho de quem Deus é e do que Ele faz para abençoar o Seu povo. Eles também deveriam tornar conhecido o fato de que Deus julga as pessoas e as considera responsáveis por suas falas e feitos. Quando Abraão deu testemunho do Deus verdadeiro, Iavé o Altíssimo, que lhe deu vitória sobre os quatro reis do leste (14:22–24), ele de fato estava cumprindo a função de um profeta.

O Senhor admoestou Abraão a não **temer** porque Deus era o seu **escudo** (veja Deuteronômio 33:29; 2 Samuel 22:3, 31; Salmos 3:3; 7:10; 84:11)

¹J. Jeremias, “נָבִיא” em *Theological Lexicon of the Old Testament*, trad. Mark E. Biddle, ed. Ernst Jenni e Claus Westermann. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1997, vol. 2, p. 703.

e garantiu que seu **galardão** seria **sobremodo grande**. O registro não diz por que Abraão estava com medo naquela ocasião. Alguns comentaristas sugerem que ele estava preocupado com a possibilidade de seus inimigos voltarem para uma segunda batalha; mas, após serem decisivamente derrotados pelo exército particular de Abraão e pelas forças dos três irmãos amorreus, isto parece improvável. Outros sustentam que a manifestação de Deus teria sido estarrecedora para Abraão (15:12), assim como foram amedrontadores, Seus posteriores comunicados ao povo sobre uma mensagem de salvação (21:17; 26:24; 43:23; 46:3; Êxodo 3:6). Embora a presença de Deus possa gerar medo até nos corações de grandes homens de fé, não temos um motivo real para relacionar o medo mencionado no versículo 1 com a visão descrita nos versículos 12 a 21, que aconteceu mais tarde, ao pôr-do-sol.

O entendimento natural do texto é que o medo de Abraão tinha a ver com uma questão que pesava em seu coração: a falta de um herdeiro físico. Quando Deus afirmou que Ele era o “escudo” do patriarca e o provedor de seu “galardão”, Abraão deixou escapar o que estava o incomodando. Parece que ele estava relutando com pensamentos como este: “É maravilhoso que Deus me prometeu a terra de Canaã e me protegeu dos meus inimigos. Ele me enriqueceu com grandes rebanhos, gado e riquezas – mas com qual finalidade, se não tenho filho para herdar as minhas posses?” Sendo assim, o pedido do Senhor a Abraão para que ele “não temesse” era uma palavra de conforto e certeza de que, embora ele e Sara fossem avançados em anos e não tivessem filhos, eles teriam um filho para herdar todas as suas bênçãos (veja 15:4, 5).

Versículo 2. Muitos anos haviam se passado desde o primeiro chamado de Deus a Abraão, quando este era um homem jovem. Naquela ocasião Deus lhe pediu que saísse de Ur e prometeu fazer dele uma grande nação, abençoar todas as famílias da terra através de sua descendência (especificamente, Cristo; veja Gálatas 3:16) e lhe dar a terra de Canaã (11:31; 12:1–3; 13:15, 17; 15:7)². O futuro pai das nações estava perdendo a esperança de que um dia teria filhos com Sara. Por isso, ele acabou revelando ao **Senhor** o que o perturbava:

²Abraão talvez tivesse uns trinta e cinco anos quando Deus o chamou primeiramente em Ur. Segundo 12:4 e 16:3, ele estava perto de oitenta e cinco anos nessa ocasião. Sendo assim, quase cinquenta anos haviam se passado, e ele ainda não tinha nenhum filho para herdar sua terra e riquezas.

sua profunda decepção vinha do fato de continuar **sem filhos**. Ele afirmou que o herdeiro da sua **casa** era o **damasceno Eliézer**³.

A tradução de בֶּן-מִשְׁקָה (*ben mesheq*) como “herdeiro” é um pouco questionável. Esta expressão hebraica é única no Antigo Testamento; por isso, tem sido vertida de várias maneiras. Uma tradução literal de *ben mesheq* seria “filho de aquisição”. Em vez desta tradução, a maioria das versões inglesas [e portuguesas] modernas optou por “herdeiro”. Esta suposição se baseia no fato de que o termo estabelece um paralelo com a palavra comum para “[ser um] herdeiro” (יָרָשׁ, *yarash*) em 15:3⁴.

Versículo 3. Abraão evidentemente adotou o damasceno Eliézer, **nascido** escravo em sua **casa** e fez dele seu **herdeiro**. Isto estava em harmonia com o costume antigo mesopotâmico, pelo qual se permitia que um homem sem nenhum descendente natural adotasse um escravo como seu herdeiro. O filho adotivo teria a responsabilidade de cuidar dos seus novos pais enquanto eles vivessem, e ele era obrigado a dar a eles um sepultamento adequado quando falecessem. Depois disso, herdaria seu patrimônio. Obviamente, se nascesse um filho natural ao casal depois da adoção, este seria o principal herdeiro, deixando o filho adotivo sem direitos.

A prática de um casal sem filhos adotar um escravo é confirmada pelas Tábuas de Nuzi. Essas tábuas de argila, totalizando milhares e datando de 1500 a.C., foram descobertas entre 1925 e 1931 em Nuzi, no nordeste da Mesopotâmia. Embora as tábuas datem de um período centenas de anos posterior à época de Abraão, devido à natureza estática da cultura do antigo Oriente Próximo, elas ainda refletem condições e códigos do cotidiano praticados por muitos anos antes ou após a data de sua composição⁵.

Versículo 4. O Senhor rejeitou a possibilidade de Eliézer ser um herdeiro substituto. No lugar disso, prometeu enfaticamente que Abraão teria um filho de seu próprio sangue, sendo **gerado** dele mesmo para ser o seu **herdeiro**. Como se vê no capítulo 16, isto pareceu ser um problema difícil por causa da esterilidade de Sara. Naquele momento,

³Este servo pode ter sido adquirido na viagem de Abraão de Harã a Canaã, que provavelmente o levou a passar por Damasco (veja os comentários sobre 12:4, 5).

⁴Victor P. Hamilton, “מִשְׁקָה” em *DITAT*, p. 893.

⁵Alfred J. Hoerth, *Archaeology and the Old Testament*. Grand Rapids, Mich.: Baker Books, 1998, pp. 102–3.

Deus aquietou as dúvidas de Abraão ilustrando que a promessa não se limitava a ele como indivíduo, mas incluía muitos descendentes em futuras gerações.

Versículo 5. O Senhor **conduziu** [Abraão] **até fora** e o desafiou a **olhar para os céus e contar as estrelas**. Ao fazer isto, Deus mudou a ênfase do corpo físico do patriarca (15:4) para seu incontável prole afirmando: **Será assim a tua posteridade** (veja 22:17; 26:4). Obviamente, Abraão não podia **contar** as estrelas nem imaginar o imenso número de descendentes que viriam de sua linhagem por nascimento natural. Muito menos podia ele calcular a inumerável multidão que se tornaria seus filhos espirituais pela fé (Gálatas 3:26–29).

Versículo 6. Em resposta a esta ampla promessa, Abraão **creu no Senhor**. Esta é a primeira vez que o verbo “crer” (אָמַן, *aman*) ou sua forma nominal “fé” aparece na Bíblia, embora não seja a primeira vez que Abraão creu em Deus. Sua peregrinação de fé havia começado anos antes, em Ur, quando Deus o chamou pela primeira vez (11:31; 15:7; Atos 7:2) e foi renovada pelo chamado em Harã (11:31–12:5). Todavia, esta afirmação de que Abraão “creu no Senhor” sugere uma fé mais decisiva, significando que ele confiava em Iavé⁶. A preposição “em” (בְּ, *be*) antes de “o Senhor” (יהוה, *YHWH*) provavelmente carrega em si a ideia não apenas de fé nas promessas de Deus, mas também de fé, confiança ou dependência no próprio Deus⁷.

A resposta divina à fé de Abraão foi que Deus **lhe imputou isto para justiça**. O termo “imputado” é o hebraico **חָשַׁב** (*chashab*), que significa “contar, considerar” ou “creditar” algo na conta de alguém. Uma ilustração desta prática encontra-se em Números 18:26–30: o povo de Israel deveria dar um dízimo do que produziam aos levitas, que, por sua vez, deveriam dar ao Senhor um dízimo dos dízimos que recebiam. Deus, então, “imputava” (contava) o dízimo dos levitas como se fosse proveniente do que eles produziam. Este conceito de *chashab* é o mesmo que Davi expressou, embora de um modo negativo, a respeito do pecado: “Bem-

aventurado o homem a quem o Senhor não atribui [*chashab*, ‘conta’ ou ‘imputado’] iniquidade...” A razão do pecado não ser levado em conta era que Deus já havia “perdoado” e “coberto” o seu pecado (Salmos 32:1, 2).

Na afirmação de que a fé de Abraão lhe foi “imputada [contada] por justiça”, o que significa o termo “justiça” (תְּשׁוּבָה, *tsedaqah*)? O uso predominante desta palavra no Antigo Testamento é com relação a indivíduos que realizaram feitos justos ou eram moralmente íntegros (Gênesis 30:33; Deuteronômio 6:24, 25; Isaías 33:5; Ezequiel 14:14, 20). Isto contrasta com o tipo de mal e imoralidade praticado pelos habitantes de Sodoma e Gomorra. Abimeleque fez uma pergunta semelhante em 20:4. A Lei que mais tarde foi dada a Israel dizia que o justo deveria ser justificado (*tsedaqah*) em casos levados a juízo, ao passo que o ímpio deveria ser condenado (Deuteronômio 25:1).

Ezequiel disse que um homem é “justo” quando “faz o que é certo e direito” (Ezequiel 18:5; NVI). Depois, ele incluiu uma longa lista de pecados e vícios que um justo não comete (Ezequiel 18:6–8). E resumiu a descrição dizendo: “[Um homem que] anda nos Meus estatutos, guardando os Meus juízos e procedendo retamente, o tal justo, certamente, viverá, diz o Senhor Deus” (Ezequiel 18:9). O escritor do Salmo 1 igualmente descreveu o justo como aquele que medita na “lei” de Deus e vive de acordo com ela. Esse indivíduo é “bem-aventurado”; é a ele que o Senhor “conhece” (יָדָע, *yada*, “aprova”⁸); e contrasta com o ímpio, que “perecerá” como a palha (Salmos 1:1, 2, 6).

Deus não considerou a fé de Abraão como justiça porque os feitos e a conduta dele mereciam tal recompensa. Na cronologia dos fatos narrados em Gênesis 11:26–15:6, nada vemos de meritório sobre a conduta deles pelo qual ele alcançasse “justiça” perante Deus. Pelo contrário, “justiça” (uma relação correta com Deus) foi um dom da graça concedido a Abraão por causa de sua fé (confiança). Certamente Deus não lhe devia nada por causa de suas boas obras nem conquistou algum reconhecimento divino por ser justo (Romanos 3:21–28; 4:1–8; 5:17).

⁶ Alfred Jepsen, “אָמַן” em *Theological Dictionary of the Old Testament*, trad. John T. Willis, ed. G. Johannes Botterweck e Helmer Ringgren. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1974, vol. 1, p. 308.

⁷ Deryck C. T. Sheriffs, “Faith” em *Dictionary of the Old Testament: Pentateuch*, ed. T. Desmond Alexander e David W. Baker. Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 2003, pp. 281–82.

⁸ Algumas edições da NASB traduzem *yada* por “aprova” numa nota marginal em Salmos 1:6. Em Amós 3:2, essa palavra é traduzida por “escolhi”. Na verdade, *yada* significa “conhecer” num sentido íntimo, seja física (4:1) seja espiritualmente (Oseias 2:20).

A PREPARAÇÃO PARA UMA ALIANÇA (15:7–11)

⁷Disse-lhe mais: Eu sou o SENHOR que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te por herança esta terra. ⁸Perguntou-lhe Abrão: SENHOR Deus, como saberei que hei de possuí-la? ⁹Respondeu-lhe: Toma-me uma novilha, uma cabra e um cordeiro, cada qual de três anos, uma rola e um pombinho. ¹⁰Ele, tomando todos estes animais, partiu-os pelo meio e lhes pôs em ordem as metades, umas de frente das outras; e não partiu as aves. ¹¹Aves de rapina desciam sobre os cadáveres, porém Abrão as enxotava.

Deus fez promessas maravilhosas a Abraão – tão maravilhosas que era difícil para ele aceitá-las. Como garantia de Suas promessas e Sua relação fiel com quem as fez, Deus selou uma aliança com esse herói bíblico numa cerimônia ímpar.

Versículo 7. A introdução à aliança abraâmica em 15:7–11 prenuncia a aliança mosaica/os dez mandamentos dada aos descendentes de Abraão no monte Sinai (Êxodo 20:1, 2). Deus começou Sua conversa com Abraão identificando-Se como o **Senhor** (יהוה, *YHWH*). Após isto veio uma recapitulação do que Deus já havia feito por ele. Deus disse que Ele [o] **tirou de Ur dos caldeus, para dar-[lhe] por herança [aquela] terra** (veja 11:31; Atos 7:2–4).

Versículo 8. Nessa ocasião, a resposta de Abraão a Deus foi um pedido. Ele disse: **Senhor Deus, como saberei que hei de possuí-la?** Abraão queria algum tipo de evidência concreta para se convencer de que realmente possuiria a terra um dia (veja 15:12–16).

Versículo 9. Deus disse para o patriarca preparar alguns animais e aves para sacrifício. Essas eram as espécies de animais que mais tarde seriam prescritas como ofertas para os israelitas oferecerem debaixo da lei de Moisés. O Senhor instruiu Abrão a **tomar uma novilha, uma cabra e um cordeiro... uma rola e um pombinho**. No caso dos animais, cada um deveria ter três anos, o que pode indicar “a idade de maior valor”⁹. Sendo rico, o patriarca podia facilmente arcar com tais sacrifícios.

Versículo 10. Abraão **partiu** os animais **pelo meio** e os apresentou ao Senhor, deixando **as aves inteiras**. A expressão hebraica “fazer uma aliança”

significa literalmente “partir, cortar [כָּרַת, *karath*] uma aliança” (15:18). A razão para essa descrição pode ser que todas as vítimas do sacrifício tiveram suas gargantas cortadas, e algumas foram cortadas pelo meio para cerimônias de aliança.

O outro único exemplo de “cortar uma aliança” está em Jeremias 34:18 e 19, que descreve um acontecimento ocorrido durante o cerco a Jerusalém pelo exército babilônico, em 588–586 a.C. A situação na cidade era desesperadora, e donos de escravos precisavam que seus escravos ajudassem a defender a cidade. Sendo assim, concordaram em libertar os escravos hebreus, tanto homens como mulheres. Fizeram uma aliança solene, selada com um ritual que envolveu partir ao meio um novilho e passar por entre as partes. Todos os líderes da cidade participaram dessa cerimônia, incluindo os oficiais de Judá e Jerusalém, os juízes, os sacerdotes e o povo. Ao passarem por entre as partes cortadas da carcaça do animal, obviamente estavam invocando uma maldição sobre eles mesmos, caso não observassem o acordo de libertar os escravos. A ameaça de morte, figurada pela cena horrível do animal imolado, os aguardava se transgredissem essa aliança. Essencialmente, estavam dizendo: “Que aconteça conosco o mesmo que aconteceu com este animal, se não cumprirmos o acordo que estamos firmando”.

Quando o Faraó Hofra entrou com seu exército em Judá numa vã tentativa de salvar a cidade sitiada, os babilônios deixaram temporariamente o cerco para irem lutar com os egípcios. Quando isso aconteceu, cada dono de escravo judeu tomou de volta seu escravo(s) e renegou o juramento que fizera perante o Senhor; por isso, Deus os apregouu “para a espada, para a peste e para a fome” (Jeremias 34:15–17). Deus prometeu “entregá-los nas mãos de seus inimigos e nas mãos dos que procura[vam] a sua morte” (Jeremias 34:20). Se os líderes do povo de Deus estavam com o coração tão endurecido a ponto de tratar sua própria gente – escravos hebreus de ambos os sexos – com tamanha insensibilidade depois de jurarem em nome de Iavé, não havia esperança de que se arrependessem de seus pecados. Por essa razão, o Senhor permitiu, relutantemente, que a nação fosse destruída pela espada, pela peste e pela fome. Os sobreviventes levados ao cativeiro tiveram de aprender que não podiam continuar a praticar idolatria e toda forma de iniquidade sem impunidade.

Fora da Bíblia, exemplos semelhantes de “cor-

⁹Kenneth A. Mathews, *Genesis 11:27–50:26*, The New American Commentary, vol. 1B. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2005, p. 170.

tar uma aliança” também são vistos em tratados no Oriente Próximo antigo. Em um desses exemplos, do século VIII a.C., um cordeiro foi levado para sancionar o acordo, e sua cabeça foi decepada. O acordo dizia: “Esta cabeça não é a cabeça de um cordeiro, é a cabeça de Mati’ilu, é a cabeça de seus filhos, seus oficiais e o povo de sua terra. Se Mati’ilu pecar contra este acordo, que... a cabeça de Mati’ilu seja decepada, e as de seus filhos”¹⁰. Outro texto do mesmo período também revela o que aconteceria se um acordo fosse descumprido. Diz ele: “[Assim] como este novilho foi decepado, assim Matti’el e seus nobres serão decepados”¹¹.

Versículo 11. O ritual em que Abraão imolou animais e aves terminou com uma declaração de que **as aves de rapina desciam**. Essas aves evidentemente desceram para se alimentar dos **cadáveres, porém Abrão as enxot[ou]**. Em outro trecho do Antigo Testamento, aves de rapina impuras significam nações estrangeiras (Ezequiel 17:3, 7; Zacarias 5:9; veja Levítico 11:13–19; Deuteronômio 14:12–19). Sendo assim, alguns sugerem que os animais sacrificados aqui representam a nação de Israel e que Abraão, num sentido, estava protegendo seus futuros descendentes dos ataques de nações gentílicas. Provavelmente, esta interpretação atribui significado demais à motivação e aos atos de Abraão. O mais provável é que se trata apenas de uma observação do que acontece na natureza quando um animal morto é deixado no chão. As aves de rapina naturalmente são atraídas por cadáveres e qualquer adorador certamente teria a tendência de não permitir que necrófagos devorassem os animais sacrificados que foram usados numa cerimônia solene em resposta a uma ordem de lavé.

UMA PROFECIA DA ALIANÇA (15:12–16)

¹²Ao pôr-do-sol, caiu profundo sono sobre Abrão, e grande pavor e cerradas trevas o acometeram; ¹³então, lhe foi dito: Sabe, com certeza, que a tua posteridade será peregrina em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos. ¹⁴Mas também eu julgarei a gente a que têm de sujeitar-se; e de-

¹⁰Erica Reiner, trad., “Treaty Between Ashurnirari V of Assyria and Mati’ilu of Arpad” em *Ancient Near Eastern Texts: Relating to the Old Testament*, 3a. ed., ed. James B. Pritchard. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969, p. 532.

¹¹Franz Rosenthal, trad., “The Treaty Between KTK and Arpad” em *Ancient Near Eastern Texts*, p. 660.

pois sairão com grandes riquezas. ¹⁵E tu irás para os teus pais em paz; serás sepultado em ditosa velhice. ¹⁶Na quarta geração, tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus.

Versículo 12. Quando o sol estava se pondo, **caiu profundo sono** [תַּרְדֵּמָה, *thardemah*] **sobre Abrão**. Este é o mesmo tipo de sono que Adão experimentou em Gênesis 2:21, e o termo é o mesmo usado em outros lugares com referência a sonhos, visões e revelações (Jó 4:13; 33:15). Neste caso em particular, o profundo sono do patriarca trouxe **grande pavor e cerradas trevas**. Muitos personagens da Bíblia experimentaram emoções aterradoras na presença de Deus. Isto ocorreu especialmente quando uma profecia era anunciada, predizendo tempos difíceis num futuro próximo para indivíduos ou seus descendentes.

Versículo 13 e 14. Deus esclareceu Sua promessa, confirmando a Abraão que sua posteridade possuiria a terra de Canaã. Todavia, eles primeiramente seriam **peregrinos** [de גֵּר *ger*, “residentes estrangeiros”] **em terra alheia**. Abraão mais tarde usou o mesmo termo (*ger*) com respeito a sua própria condição em Canaã, ao falar com os homens de Hebrom sobre um local de sepultamento para Sara (23:4). Este também passou a ser um termo regularmente usado para descrever estrangeiros residentes (gentios) que viviam na Terra Prometida após a conquista (Levítico 16:29; 17:8, 12, 15; 18:26; 19:10, 33, 34). Para a confusão de alguns, até os dias de hoje, o mesmo termo (*ger*) é usado para os próprios israelitas na terra de Canaã (Levítico 25:23; 1 Crônicas 29:15).

Deus ainda não tinha revelado a Abraão o nome da terra em que seus descendentes residiriam como estrangeiros antes de serem **reduzidos à escravidão e afligidos por quatrocentos anos** (veja os comentários sobre 15:16). Tampouco o Senhor havia desvendado a maneira como **julgaria a gente** que os oprimiria (veja Êxodo 7—11; 14) ou as circunstâncias que propiciariam a saída deles **com grandes riquezas** (veja Êxodo 12:35, 36). Pode ser que por causa de sua recente experiência, Abraão presumiu que o Egito seria a nação opressora da qual seus descendentes sairiam com grandes riquezas; contudo, nada no texto indica isso.

Versículo 15. Deus desvendou que, diferente de sua posteridade, Abraão seria poupado de um futuro tumultuoso e **iria para os [seus] pais**

em paz, sendo sepultado em ditosa velhice. Em contraste com as experiências importunas que ele tivera no Egito com o Faraó e a guerra com os quatro reis do leste, o Senhor revelou que o pai das nações viveria até a velhice e morreria em paz. Isto não significava que ele não teria mais dificuldades, mas as bênçãos de sua vida suplantariam suas tribulações. De fato, quando Abraão chegou ao fim de sua peregrinação terrena, ele “morreu em ditosa velhice” (cento e setenta e cinco anos) e “avançado em anos” (25:7, 8).

Versículo 16. Depois de aliviar a preocupação individual de Abraão com o futuro, Deus retomou a questão do destino de seus descendentes, afirmando: **Na quarta geração, tornarão para aqui,** ou seja, para Canaã. Alguns sustentam que esta frase contradiz 15:13, que descreve a permanência dos israelitas no Egito por “quatrocentos anos”. Todavia, a palavra hebraica para “geração”, דור (*dor*) refere-se a um intervalo de tempo e não a um número fixo de anos. Por exemplo, Moisés tinha cerca de quarenta anos quando fugiu do Egito, conheceu Zípora e casou-se (Atos 7:23–29) e os israelitas foram condenados a vagar pelo deserto por quarenta anos – uma “geração” (*dor*; Números 32:13) – por causa de sua obstinada incredulidade e desobediência. Embora uma geração evidentemente equivalesse a uns quarenta anos no tempo de Moisés, poderia também ser entendida como uns cem anos no tempo de Abraão, uma vez que ele tinha essa idade quando Isaque nasceu (17:17; 21:5) e o patriarca viveu até cento e setenta e cinco anos (25:7).

Os “quatrocentos anos” de 15:13 é um número redondo, e não um número específico (veja Atos 7:6). Isto é óbvio tendo-se em vista a referência cronológica em Êxodo 12:40, 41: “Ora, o tempo que os filhos de Israel habitaram no Egito foi de quatrocentos e trinta anos. Aconteceu que, ao cabo dos quatrocentos e trinta anos, nesse mesmo dia, todas as hostes do Senhor saíram da terra do Egito”.

A última declaração registrada em 15:16 explica por que Deus demorou entregar a terra de Canaã aos descendentes de Abraão: **porque não se encheu ainda a medida da iniquidade dos amorreus.** O termo “amorreus” flutua no Antigo Testamento; às vezes refere-se a um dos muitos grupos de pessoas na terra (15:21; Êxodo 3:8), mas também pode designar todas as pessoas que viveram em Canaã (15:16; Amos 2:10)¹². Este vocábulo tem aqui

¹²O povo antigo da Mesopotâmia chamava os que vi-

o segundo significado, pois a conquista de Canaã só começou quando a iniquidade dos amorreus “se encheu” (מִלֵּשׁ, *shalem*), ou “atingiu a medida completa” (NVI). Isto indica que o Senhor seria longânimo para com os amorreus (cananeus) até que a moralidade deles se tornasse tão corrupta que Deus não mais toleraria o comportamento imoral deles¹³. A conquista e fixação em Canaã, portanto, foi baseada na justiça soberana de Deus (Levítico 18:24, 25; Deuteronômio 9:5) e não na total agressividade de Israel, como às vezes se sugere.

Numerosos artefatos arqueológicos e grande parte da literatura ugarítica antiga dos amorreus (ocidentais) de Ras Shamra, localizada na costa norte do Líbano, revela a extensão da depravação dos cananeus. A adoração deles era politeísta e incluía sacrifícios humanos de crianças, cultos mistos com prostitutas que serviam em seus santuários e vários tipos de adivinhação e feitiçarias. Esses atos foram proibidos na lei de Moisés (Levítico 18:21–25; Deuteronômio 18:9–12).

Todavia, todos os reis de Israel, o reino do norte, e a maioria dos reis de Judá, o reino do sul, promoveram os cultos pagãos e suas práticas depravadas (1 Reis 14:21–24; 21:24–26). Essa é a razão básica para o povo de Deus ter perdido a terra e ser levado para o cativeiro. O Senhor deu-lhes centenas de anos para abandonarem a idolatria, rituais com mortes e toda forma de iniquidade vil, assim como fez com os amorreus; porém, quando se recusaram a mudar – como os habitantes primitivos de Canaã – foram desapropriados da terra de Canaã (Deuteronômio 29:22–28; 2 Reis 21:1–11; Ezequiel 16:35–52; Daniel 9:1–14).

A FINALIZAÇÃO DA ALIANÇA (15:17–21)

¹⁷E sucedeu que, posto o sol, houve densas trevas; e eis um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços.

viam na Síria, Líbano e Palestina (Canaã) de *amurru* (amorreus, “ocidentais”) e o uso genérico deste termo se mantém numa série de trechos do Antigo Testamento. (A. H. Sayce e J. A. Soggin, “Amorites” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, ed. rev., ed. Geoffrey W. Bromiley. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1979, vol. 1, pp. 113–14.)

¹³Mais tarde, o clamor contra Sodoma e Gomorra foi tão grande, até pelos povos pagãos que viviam naquela região, que o Senhor não pôde mais suportar e decidiu agir em juízo contra seus habitantes (18:20, 21). Mesmo nesse episódio, Deus prometeu a Abraão que pouparia Sodoma se encontrasse dez indivíduos justos na cidade (18:32).

¹⁸Naquele mesmo dia, fez o Senhor aliança com Abraão, dizendo:

À tua descendência dei esta terra,
desde o rio do Egito até ao grande rio
Eufrates:

¹⁹o queneu, o quenezu, o cadmoneu, ²⁰o heteu,
o ferezeu, os refains, ²¹o amorreu, o cananeu, o
girgaseu e o jebuseu.

Versículo 17. Depois que o sol se pôs, a escuridão dominou a cena enquanto Deus fazia Sua aliança com Abraão: Abraão viu **um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo que passou entre os pedaços** de animais que jaziam ao chão. A palavra hebraica para “fogareiro” (תַּנּוּר, *thannur*) provavelmente se refere a um cilindro abobadado feito de barro, que media apenas meio metro ou um metro de diâmetro. Visto que a fumaça e o fogo são símbolos da presença de Deus (Êxodo 3:2; 14:24; 19:18; 20:18; 24:17; Salmos 18:8), foi o Senhor, num sentido figurado, que fez a caminhada cerimonial pelas fileiras dos pedaços de carne dos animais mortos.

Versículo 18. Ao fazer isto, Deus fez (ou “cortou”, *karath*) **uma aliança com Abraão** unilateral. Com o intuito de torná-la bilateral, Abraão ou algo que o representasse teria que passar entre as carcaças de animal para formalizar a aliança. Em vez disso, o próprio Senhor garantiu da forma mais solene que Ele cumpriria sua aliança.

Será que o Senhor assumiu para Si o tipo de maldição implícito em 15:9 e 10 e Jeremias 34:18 e 19? Se Ele estava afirmando algo como: “Que aconteça comigo o mesmo que aconteceu com estes animais, se eu não cumprir esta aliança”, foi apenas num sentido metafórico que o Senhor lançou sobre Si mesmo uma sentença de morte, uma vez que Ele não pode realmente morrer. Qualquer que seja o caso, e quaisquer que sejam as palavras que o Senhor disse, Abraão testemunhou uma cena impressionante nessa visão.

Ainda que a **descendência** de Abraão viesse a perder a concessão da terra por quatrocentos anos, o Senhor disse: **À tua descendência dei esta terra.** A maioria das traduções modernas ignora o fato de que o verbo “dar” (נָתַן, *nathan*) aparece numa forma perfeita, indicando um ação concluída no passado. Traduzem incorretamente esse termo por um obscuro “dei esta terra”. O verbo aqui está no “pretérito perfeito profético”, usado para exprimir “um acontecimento a ocorrer num futuro distante

como se já tivesse ocorrido”¹⁴. A ocorrência do fato nesse tipo de contexto era tão certa – tal como prometera o Senhor – que podia se dizer que já havia ocorrido.

O fim da fala de Iavé concentrou-se no escopo da concessão da terra, definindo a fronteira no sudoeste até o **rio do Egito**. A expressão “o rio [נְהָר, *nahar*] do Egito” ocorre apenas uma vez no Antigo Testamento, e não é o termo usado com referência ao rio Nilo (יַרְדֵּן, *ye’or*). Provavelmente ele deve ser identificado como o wadi el-Arish ao nordeste do Sinai, uns vinte quilômetros ao sudoeste da região de Gaza, no sul de Israel. Segundo R. K. Harrison, ele poderia ser mais precisamente definido como “a torrente wadi do Egito”¹⁵. Trata-se de um leito de rio seco na maior parte do tempo¹⁶, que se transforma numa forte torrente quando chove no norte da cordilheira central do Sinai, e as águas descem até o mar Mediterrâneo.

Pela primeira vez, Deus estava prometendo que a descendência de Abraão possuiria a terra do “rio do Egito” **até ao grande rio Eufrates**, no nordeste (Deuteronômio 1:7; Josué 1:4). Todavia, somente na época de Davi e Salomão, centenas de anos depois, foi que Israel assumiu o controle político e econômico desse território (2 Samuel 8:3–15; 1 Reis 4:21, 24). Até mesmo nessa época, o domínio deles sobre a terra durou apenas algumas décadas porque populações nativas começaram a se revoltar e se esquivar do jugo israelita. Com a morte de Salomão, o reino se partiu oficialmente, e foi ainda mais enfraquecido pela guerra civil. Assim, os israelitas perderam para sempre o controle de uma parte relativamente grande da terra que Deus prometeu a Abraão.

Versículo 19. Além da visão da aliança, o Senhor deu a Abraão os nomes de dez nações que habitavam, naqueles dias, a Terra Prometida, mas que a entregariam aos descendentes do patriarca. Esta lista, começando no versículo 19, pode ser um símbolo de completitude. Os nomes representam todos os habitantes de Canaã. Nas vinte e sete listas similares encontradas mais adiante do Antigo Testamento, o número de grupos de pessoas va-

¹⁴John T. Willis, *Genesis*, The Living Word Commentary. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1979, p. 239.

¹⁵R. K. Harrison, “Brook of Egypt” em *The International Standard Bible Encyclopedia*, vol. 1, p. 549.

¹⁶Em Números 34:5 e Josué 15:4, “o ribeiro [נַחַל, *nachal*] do Egito” provavelmente é o mesmo “rio [נְהָר, *nahar*] do Egito” citado em Gênesis 15:18, embora os termos hebraicos usados nas respectivas passagens sejam diferentes.

ria de dois a doze, dependendo da especificação desejada¹⁷. As listas mais comuns incluem ou seis nações (Êxodo 3:8, 17; 23:23; 33:2; 34:11; Deuteronômio 20:17; Josué 9:1) ou sete (Deuteronômio 7:1; Josué 3:10; 24:11; veja Atos 13:19). Deus disse que Ele os expulsaria da terra de Canaã. Gênesis 15 fornece a única lista que contém dez nomes, e é a única que inclui **o queneu**, **o quenezeu** e **o cadmoneu**, grupos de pessoas que devem ter vivido na parte sul de Canaã nos dias de Abraão.

Todos estes três grupos devem ter por fim se incorporado à tribo de Judá; porém, a única menção bíblica dos cadmoneus é esta, e nada mais se sabe sobre eles. Só temos três breves referências com pouca informação sobre os queneus. Eles viveram no Neguebe (Números 24:21; 1 Samuel 27:10), exceto alguns deles que mais tarde se mudaram para o norte, para a região da tribo de Zebulom (Juízes 4:11–17). Os quenezeus eram um povo que ganhou

¹⁷Matthews, p. 177.

reconhecimento por causa de Calebe, cuja ascendência é traçada até eles (Números 32:12; Josué 14:6, 14). Calebe foi um dos doze espias; ele, juntamente com Josué, trouxe um relatório positivo sobre a terra de Canaã (Números 13:30; 14:6–9, 24, 30). Ele também lutou com Josué na conquista, e era parente de Otniel, um dos juízes (Juízes 1:11–20).

Versículos 20 e 21. O povo **heteu** aparece em outras listas dos que habitavam a terra de Canaã. Eles viviam na região de Hebrom, onde Abraão mais tarde se fixou (veja 23:1–20). O povo ferezeu é outro nome que aparece regularmente em listas de povos cananeus. Esta tribo viveu no planalto central da terra (Josué 11:3) e foi expulsa pelos homens de Efraim e Manassés (Josué 17:15–18). **Os refains** estavam dispersos na Síria meridional e no sul de Jerusalém, mas a maioria deles vivia em Basã, leste do mar da Galileia (veja 14:5). Os outros povos aqui citados são os **amorreu[s]**, os **cananeu[s]**, os **girgaseu[s]** e os **jebuseu[s]** (veja os comentários sobre 10:15, 16).

Autor: Bill Grasham
© A Verdade para Hoje, 2016
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS